EPOPÉIA-7
EPOPÉIA
Nº 7
Cr$ 5,00
FEVEREIRO 1953
scan by Barbier
www.guiaebal.com
KUMIAK, O PEQUENO ESQUIMÓ

KUMIAK — O PEQUENO ESQUIMÓ

O heroísmo de um menino esquimó, nas lutas contra os lôbos esfaimados, os ursos ferozes, caçando focas para o sustento dos seus, eis o que está relatado nestas páginas vibrantes de ação e aventuras.

A Groenlândia, chamada pelos povos nórdicos "A Verde Terra", é o curioso cenário onde se desenrolam os episódios desta história, na leitura da qual se conhecerão fatos maravilhosos da existência ali levada por uma das coletividades humanas mais interessantes que se conhecem. Entre os gelos, nas brumas do prolongado e rigoroso inverno daquelas regiões, o combate pela vida é árduo, contínuo e cheio de riscos mortais, exigindo coragem, vigor físico e vontade de vencer.

Kumiak, o pequeno esquimó, é, finalmente, vitorioso, no entanto, pois "seu coração era verdadeiramente leal, forte e corajoso"...

Deixemos que a imaginação acompanhe, através destas páginas primorosamente ilustradas, os acontecimentos emocionantes que empolgaram o valente Kumiak e seus companheiros...

OS VIKINGS

A palavra *wicing*, com o sentido de *guerreiro*, era corrente, há muitos séculos, nas atuais Ilhas Britânicas, correspondendo ao têrmo *vikingr*, do antigo norueguês, e ao moderno *viking*. Nas línguas escandinavas, a palavra teve, também, o sentido de *guerreiro do mar* (*corsário*). Os historiadores não conhecem muito a respeito do chamado povo dos vikings, os quais espalharam o terror e a desolação nas povoações e cidades que atacavam e pilhavam, durante as viagens que empreenderam nos séculos IX e X da Era Cristã.

Para os historiadores das regiões assoladas pelos vikings e contemporrâneos de seus assaltos periódicos, tratava-se de gente rude, perversa, sem religião, cruel e inimiga da Civilização, das Artes e da existência pacífica. Mas o depoimento dos próprios vikings é, de certo modo, desconhecido, pois os cronistas escandinavos não se referem a acontecimentos de sentido cultural ou a personalidade de destaque intelectual entre êles. Sabe-se, porém, que eram gente corajosa, de compleição atlética e varonil, de elevada estatura e hábeis no manejar as armas de guerra. E, se se levarem em conta as construções que dêles restaram, a estrutura social em que se organizavam e o planejamento cuidadoso de suas expedições bélicas, deduz-se que os vikings possuíram sua própria cultura, suas próprias Artes e Ciências, ainda que diversas das seguidas do ponto de vista da Europa Cristã da época.

Bem, isto é a parte da História.

A imaginação dos escritores e a fantasia das lendas populares amenizou a secura dos textos documentários, colorindo de episódios pitorescos as narrativas a respeito daqueles guerreiros ousados, que não temiam afrontar os perigos do oceano, em frágeis e tôscas embarcações.

EPOPÉIA publica hoje uma história dos vikings, em cujo desenrolar se constata que, no coração dos homens — qualquer que seja a sua Raça, não importa a época e a Civilização em que vivam — sempre há um lugar para a bondade e a nobreza de sentimentos, ao lado do ideal e da coragem...

Sigtuna é um personagem simbólico, e, nas peripécias que tem de vencer, está o significado da eterna luta entre as fôrças do bem e as do mal... Sigtuna busca as Ilhas da Luz, e, mais tarde, vai encontrar o Império do Sol, onde êle e seus companheiros deparam com descendentes de outros vikings que teriam habitado a Atlântida, o Continente desaparecido.

Até onde chega a realidade? A partir de onde começa a fantasia? Nem a misteriosa Sakalda — a entidade que vive nas cavernas junto ao vulcão Halka — poderia sabê-lo...

EPOPÉIA (Revista Mensal). * Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. * Direção de Adolfo Aizen. * Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. * Telefone 48-6391. * Rio de Janeiro (D. F.), Brasil.

Conversa do Diretor

O nosso próximo número trará a epopéia de Livingstone, no coração da África, e o encontro do grande explorador pelo não menos famoso Stanley. A história se intitula "As Nascentes Azuis", e prenderá a atenção do leitor em vinte e duas páginas de belíssimos desenhos.

—o—

O aproveitamento da 3.ª capa desta revista, com a publicação resumidíssima das operas mais consagradas no mundo inteiro, certamente agradará ao leitor de EPOPÉIA. Em nosso número passado, demos "Rigoletto"; hoje damos "Bóris Godunof". No próximo número daremos "Tristão e Isolda". Em seguida, virão: "Madama Butterfly", "Thais", "Carmen", "As Walkyrias", "O Guarani" e outras.

—o—

O Concurso Inexistente foi uma inovação das nossas revistas de faroeste, que se estendeu a tôdas as demais. Mesmo em EPOPÉIA, êle já tomou conta dos leitores. Haja vista o que nos escreveram vários dêles, ao notarem que no primeiro número desta revista, à página 39, 1.º quadrinho, estar escrito "foi algemado" e, já no seguimento da história, o personagem cai ao mar de braços abertos, sem algemas... De fato, os leitores que notaram isso têm tôda a razão. Ganharam uma revista grátis...

—o—

E, por falar em Concurso Inexistente, na história "O Hussardo da Morte", N.º 5, há falhas inúmeras... "Balões" fora dos lugares a que correspondem, ali, *é mato*... Quem examinar bem e nos escrever detalhadamente, ganhará qualquer número atrasado desta revista.

—o—

Aires da Cunha Marques, de São Paulo, é dos nossos leitores mais renitentes, e diz que do 3.º número gostou mais de "A Última Patrulha". E... quem não gostou? — seria o caso de nós perguntarmos. Mas, o principal da carta de Aires é nos pedir a publicação das epopéias de Vasco da Gama, de Colombo, Camões e outros, "nacionais". De acôrdo. Tudo virá. E muitas outras mais, que não dizemos agora para não tirar a agradável surprêsa.

—o—

Luzia Papini, de Santos, SP., nos envia um "abraço forte" pela grandiosidade das narrativas que estamos publicando em EPOPÉIA, quase tôdas de fundo histórico. Gostou imensamente de "A Lenda de Sir Percival".

—o—

"Ao ler "A Conquista do Pólo Sul" em vossa revista, desejei possuir o livro original do qual os senhores extraíram aquela história". Assim nos escreve *Clovis Falkenberg*, de Pôrto Alegre, RS. Nós nos baseamos em várias fontes de informações, *Clovis Falkenberg*. E, caso você queira ler alguma coisa mais a respeito do assunto, podemos citar-lhe duas obras: "My Life as an Explorer", do próprio Roald Amundsen (1927) e "Amundsen", de B. Partridge (1929). Veja se as encontra nas livrarias.

Mas o verdadeiro senhor desta ilha — a maior do mundo — é, na realidade, o esquimó com as suas renas — o esquimó cujos amigos e aliados são os robustos cães de trenó... E, neste ambiente estão três dos nossos personagens: Comock e os seus filhos Okluk e Kumiak, que vamos encontrar quando da terminação da longa noite polar.

...e as renas, conquanto se defendendo desesperadamente, são vencidas.
NADA PODEMOS FAZER CONTRA ÊLES...
QUANTAS DAS NOSSAS RENAS VOLTARÃO?
FIZ O MÁXIMO BARULHO QUE PUDE PARA ESPANTÁ-LOS...

VISTE O CHEFE DA ALCATÉIA, PAI? ERA AQUÊLE DE PÊLO FULVO...
O LÔBO VERMELHO! HEI DE MATÁ-LO!
TU? FAR-ME-IAS RIR, NÃO FÔSSE A OCASIÃO...

Bem poucas renas voltaram e Comock trata de as pôr a salvo antes que se verifique outro ataque dos lôbos.
VAMOS PARA A COSTA; LÁ OS LÔBOS NÃO CHEGAM...
E, DEPOIS, A PRIMAVERA SE APROXIMA. É PRUDENTE ATRAVESSAR O RIO ANTES DO DEGÊLO.

OS TRENÓS ESTÃO CARREGADOS?
SIM, PAI. TUDO ESTÁ PRONTO.

VAMOS PARTIR, ENTÃO; E QUE OS GRANDES ESPÍRITOS NOS PROTEJAM!

Pequenos sêres na vastidão do deserto...

À vista da grande vertente...
OLHA, PAI, OS ESCONDERIJOS DAS FOCAS!
OH... TEREMOS, FINALMENTE, UM POUCO DE CARNE FRESCA!

Chegados aos esconderijos das focas, Comock inicia a sua paciente caçada.
FICA TU COM AS RENAS E OS CÃES; A FOCA TEM OUVIDO APURADO...
NÃO POSSO FICAR CONTIGO, PAI?

A espera é longa...

OKLUK, NÃO SEI POR QUE ESTOU INQUIETO...
TALVEZ TENHAS FOME. COMEREMOS DENTRO EM POUCO UM BOM PEDAÇO DE GORDURA DE FOCA!

Mas, perto da grande vertente existem habitantes perigosos...

A foca é aprisionada...

QUE É QUE HÁ COM AS RENAS?
AS FOCAS SE DISPERSAM. ATENÇÃO!

UM GRITO!
É NOSSO PAI!

Comock é um valente.

JÁ VAMOS, PAI, JÁ VAMOS!

NÃO POSSO DISPARAR... FERIREI O PAI; DÁ-ME A FACA!
NÃO, EU!

AHO, AHO, AHO, AHO!
KUMIAK!

TOMA!

No momento preciso, Okluk afasta o menino de perto da fera golpeada, que, depois de agitar as patas no ar, cai por terra, morta, com todo o pêso de seu corpo descomunal.

KUMIAK! ESTÁS FERIDO?
NÃO. MAS O URSO ESTÁ MORTO?

ESTÁ, Ó KUMIAK, GRANDE CAÇADOR!
OKLUK, OKLUK... POR QUÊ NOSSO PAI NÃO RESPONDE?

O SEU ESPÍRITO AINDA ESTÁ CONOSCO; MAS A CARNE DORME... AS SUAS FERIDAS SÃO MUITO PROFUNDAS...

TEMOS QUE O LEVAR IMEDIATAMENTE AO ALDEAMENTO DOS HOMENS BRANCOS. ÊLES PODERÃO CURÁ-LO...

NÃO PENSES EM MIM, OKLUK. LEVA LOGO O PAI. EU SEGUIREI COM AS RENAS.
MUITO BEM, KUMIAK. AGORA ÉS UM CAÇADOR. MAS... ACAUTELA-TE!

VAI DEPRESSA!
QUE OS GRANDES ESPÍRITOS TE PROTEJAM, KUMIAK!

E, assim, o valente menino esquimó fica sòzinho.
AGORA, KUMIAK, GRANDE CAÇADOR DE URSOS, VAI SE DISTRAIR COM A CARNE DA FOCA!

Construído o seu iglu — isto é, a sua casa de gêlo — leva para dentro o que tem de mais precioso: os cães e dois pedaços de carne de foca. Kumiak pretende levar a efeito uma certa idéia...
SIM, SIM... ESTA É UMA GRANDE IDÉIA!

KUMIAK, GRANDE CAÇADOR DE URSOS E LOBOS!

A arma da astúcia: com duas bolas de gordura de foca, dentro das quais escondeu "qualquer coisa", Kumiak preparou magníficas... bombas de mão!
AGORA, PONHO-AS LÁ FORA PARA GELAR. DEPOIS, PODEREI DORMIR!

O cheiro do sangue do urso abatido se espalha por muito longe e atrai o aventureiro...

QUE HÁ, TIAK? QUE UIVO É ÊSSE? TALVEZ O ESPÍRITO DO GRANDE URSO?

AINDA OS LOBOS! AGORA COMERÃO O MEU URSO E ASSALTARÃO AS RENAS... AH, CRIATURAS FERÓZES!

A horda feroz e famélica chega. E o menino está só.
PELAS GRANDES PELES DE URSO, OS HOMENS BRANCOS DÃO ARREIOS E ESPINGARDAS. TENHO DE SALVAR ESSA!

Para salvar o "seu" urso, Kumiak põe em execução seu audaciosíssimo plano.
SERÃO UMA DEZENA; AQUILO QUE PREPAREI DEVE BASTAR!

VAMOS, TIAK! VAMOS, KOO!

E com a leviandade de um menino, sem pensar em nada, Kumiak se lança a uma emprêsa louca.
KOO! TIAK! DEPRESSA!

Para afastar os lôbos da prêsa preciosa, Kumiak procura fazer-se seguir.
UAH! UAH! IHU! IHU!

O expediente excepcional parece coroado de êxito; Kumiak com seu engôdo acendeu a cólera dos lôbos, que então o seguem...
AH! AH! IHU! IHU!

Enquanto os cães correm espavoridos, o menino joga para os perseguidores "bombas"... comestíveis.

Logo depois... As bolas de gordura se derretem, mal são engolidas pelos lôbos, e a espinha de baleia que estava dobrada no interior, se distende e fere.

PAN! FAZ MAL À PANÇA? VAMOS, TIAK! VAMOS, KOO!

Mas o chefe dos lôbos, o gigantesco ruivo, tem mais ódio do que fome!
AH, TU SOBRASTE... TU, LÔBO VERMELHO! TOMA! TOMA!

Kumiak solta os cães e atrai a ira do lôbo vermelho.
OU EU OU TU, LÔBO VERMELHO!

Ferido, finalmente, o lôbo vermelho desiste da caçada. Mas os cães, alucinados, continuam a correr vertiginosamente...

...Afinal, não conseguindo deter a corrida louca, o leve trenó se vira e Kumiak é cuspido fora, com perigo...

Um pouco além, numa pequena casa de gêlo.

Mas o cão quer sair...

GRIOG OUVIU ALGUMA COISA... SÃO, TALVEZ, OS CAÇADORES...

ANNUNGLEE, NÃO VAMOS SAIR! O ESPÍRITO DA GRANDE RENA PASSARÁ! TENHO MÊDO!

"O fantasma de uma rena gigantesca passa a galope nos momentos de perigo" dizem os esquimós que, supersticiosos, crêem nas lendas mais fantásticas.

Poucos passos depois, o cão rosna, e a menina vislumbra um vulto estendido no chão.

Naquele momento, Kumiak começou a voltar a si...

E, ajudado pela menina, Kumiak se arrasta para o abrigo...

AQUI É APERTADO, MAS PODES ESTICAR-TE; EU ME CHAMO ANNUNGLEE...

E EU, ANGOL!

EU ME CHAMO KUMIAK, E SOU CAÇADOR DE URSOS.

URSOS DE VERDADE? ENTÃO ÉS UM GRANDE CAÇADOR!

O GRANDE URSO BRANCO QUE ALÉM ESTÁ MORTO, FUI EU QUE O MATEI. PELA SUA PELE CONSEGUIREI PELO MENOS TRÊS ESPINGARDAS DOS HOMENS BRANCOS. ALÉM, ESTÁ TAMBÉM O NOSSO REBANHO DE RENAS...

Kumiak mostra à menina uma das suas "bombas", vazia.

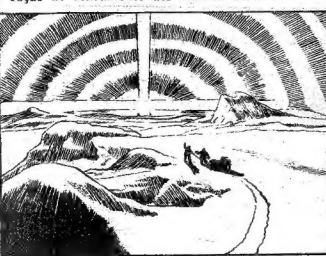
Entrementes, o candeeiro, agora com uma boa torcida, proporciona calor. Kumiak conta a sua extraordinária aventura... mas, de repente, Angol o interrompe.

EU CREIO QUE VOSSO PAI SE ATIROU DO TRENÓ PARA VOS SALVAR A VIDA...

POBRE DE MEU VALENTE E NOBRE PAI!

Passada a tempestade, Kumiak começa a desenterrar o que resta do trenó e tenta repará-lo do melhor jeito.

E, de repente, um milagre! Depois de semanas de pálido crepúsculo, o sol aparece sôbre a linha do horizonte!

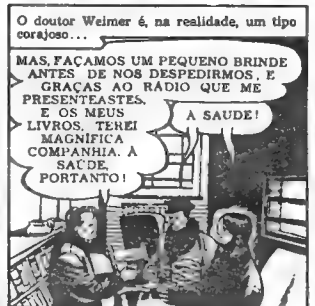
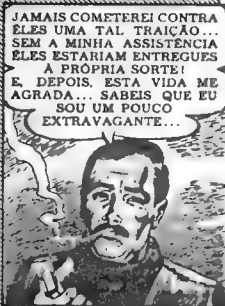
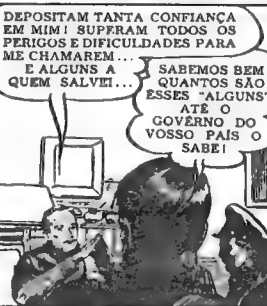
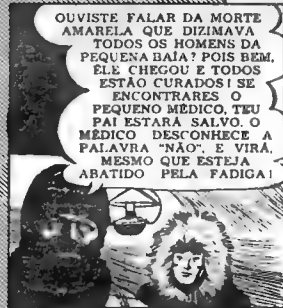
O sol! O longo inverno ártico terminou! Os meninos se apressam, cheios de entusiasmo, na direção do aldeamento dos homens brancos.

Entrementes, lá no aldeamento de caça, o trenó que conduzia Comok ferido, guiado por Okluk em vertiginosa carreira, chegara, finalmente.

O vigia do aldeamento é Tomás, o gigante.

O ferido é conduzido para o interior, com cuidado.

JAMAIS COMETEREI CONTRA ÊLES UMA TAL TRAIÇÃO... SEM A MINHA ASSISTÊNCIA ÊLES ESTARIAM ENTREGUES À PRÓPRIA SORTE! E, DEPOIS, ESTA VIDA ME AGRADA... SABEIS QUE EU SOU UM POUCO EXTRAVAGANTE...

No dia seguinte, a baleeira que transporta os dois cientistas de regresso de sua longínqua missão, já se tornara um ponto minúsculo...

VOLTA À DINAMARCA... A MINHA ESTREMECIDA PÁTRIA...

UFF, CREIO QUE ESTÁ NA HORA DE PREPARAR A REFEIÇÃO...

Depois da refeição, Weimer se apronta para o seu giro mensal; antes de mais nada, a caixinha de "medicamentos de emergência", junto ao peito...
COMEÇAREI PELA TRIBO DE KEESIK QUE É A MAIS PRÓXIMA. SERÁ QUE A MENINAZINHA RESISTIU? CREIO QUE SIM!

E também êle vê o sol reaparecer.
O SOL! EU TE RENDO GRAÇAS, Ó DEUS, POR ME PROPORCIONARES MAIS UMA VEZ ÊSTE ESPETÁCULO!

Nesse ínterim, Kumiak com Annunglee se dirigem para o caminho que o menino julga ser o já percorrido....
NÃO COMPREENDO! QUANDO EU ESTAVA LÁ COM AS RENAS, HAVIA UMA GRANDE ESTRÊLA EM FRENTE; AGORA NÃO A VEJO MAIS...
TALVEZ NÃO ESTEJAS NA PISTA CERTA, KUMIAK...

NÃO PODEMOS PARAR DE MODO ALGUM... A NOSSA ÚNICA SALVAÇÃO É ALCANÇAR A COSTA, E EU CHEGAREI LÁ...
MINHA MÃE DIZIA QUE SÃO OS ESPÍRITOS MAUS QUE NOS FAZEM PERDER A PISTA...

O "pequeno médico", esquiando velozmente, chega às casas dos esquimós.

SIM, PEQUENO MEDICO. A MENINA VAI INDO BEM E JÁ COME A SUA PARTE DE SALMÃO; E PREPARAMOS ESTAS PELES PARA TI...

LEVA-AS LÁ PARA O ALDEAMENTO DE CAÇA, KEESIK, E DISTRIBUI-AS A QUEM QUISERES. EU NADA QUERO, TU SABES...

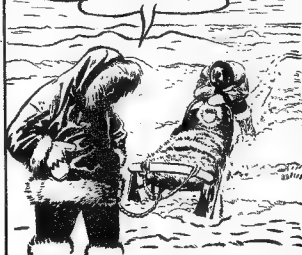
Weimer desejava partir, mas uma anciã esquimó o detém.
NÃO PARTIRÁS ESTA NOITE, HOMEM BRANCO...

POR QUÊ? SABEIS QUE OS VOSSOS FEITIÇOS NÃO SÃO PARA MIM!
SE A VELHA MÃE DIZ QUE NÃO PARTAS, NÃO LHE DESOBEDEÇAS, MEU DOUTOR!

NÃO LHE DESOBEDEÇAS! ESTA É A NOITE DAS GRANDES LUZES E QUEM AS VÊ ADQUIRE A DOENÇA DAS NEVES!

COM APENAS TRÊS HORAS DE VIAGEM POSSO CHEGAR AO IGLU DE KIGNAK. ÊLE ESTÁ SÓ E DOENTE, BEM O SABES. HÁ ALGUÉM QUE ME QUEIRA ACOMPANHAR?

E o "pequeno médico" parte sòzinho...

Alguém também viaja na escuridão...

De repente, uma névoa estranha invade o deserto branco.

Mas, de repente...

Depois, círculos rutilantes de luz branca parecem precipitar-se, de longe, sôbre os meninos.

Pela passagem do equinócio, numa atmosfera de magnetismo polar, surgem fenômenos luminosos extraordinários. Longínquas refrações de luz que trazem as névoas flutuantes, parecem aos habitantes do ártico uma terrível magia.

Abandonando o trenó, os meninos procuram fugir àquelas "coisas misteriosas".

Também o "pequeno médico", viajando para o iglú do velho esquimó doente, vê as luzes fosforescentes.

E, como se o ar se tivesse, de repente, carregado de eletricidade, a neve tocada se torna cintilante .. os contornos das coisas se tornam irreais e fantasmagóricos...

Além da duna, Annunglee e Angol se jogam de rosto contra a neve e Kumiak se põe a cavar, furiosamente, no gêlo, para fazer um abrigo.

EU SOU KUMIAK, GRANDE CAÇADOR DE URSOS, E NÃO TENHO MÊDO!

"Uma corrida no gêlo, fora da rota e sem direção: talvez seja a noite da loucura, a das grandes luzes."

Também as fôrças de Kumiak faltam, e naquele momento as grandes luzes o ajudam.

E, finalmente, Kumiak e Weimer conseguem arrastar para dentro Annunglee e Angol.

Por sorte, o bom amigo, o candeeiro, estava no alforje de Annunglee.

Mas a noite que assinala a passagem do equinócio exerce no cérebro dos meninos estranha influência. E, pouco depois, enquanto Annunglee e Angol dormem, cansadíssimos, Kumiak se levanta...

Kumiak conta...

Eskil era o nome do pai de Annunglee... Comock se chama meu pai; e os dois, Eskil e Comock, eram bravos caçadores de focas e chefes de tribo. Na mesma aldeia...

...Okluk, o meu irmão mais velho, era também um bravo, e o pai de Annunglee tinha inveja de meu pai porque êle só tinha Annunglee, uma simples meninazinha... Uma vez aconteceu que meu pai e Okluk foram à caça, e Eskil teve de ficar porque assim o determinaram os anciãos...

...E sabia que do resultado daquela caçada dependia saber quem seria o chefe da tribo... Então Eskil sentiu ódio no coração. Depois da partida de meu pai, disse aos anciãos que estava sentindo falta do seu belo facão de marfim...

O facão foi procurado... E achado sob o abrigo de peles de minha mãe, dentro do saco grande...

...Mas ela não o tinha roubado. Algum espírito mau devia tê-lo levado para ali. E então os anciãos se reuniram e disseram que ninguém mais devia dirigir a palavra à mulher de Comock, o caçador, até que êle regressasse. Minha mãe chorava e Eskil se rejubilava...

Até que uma noite, Comock, grande caçador, e Okluk voltaram com os trenós carregados de focas para tôda a aldeia. Mas ninguém lhes correu ao encontro...

Então, meu pai foi ao encontro dos anciãos, e êstes lhe falaram...

Meu pai não castigou minha mãe. Êle sabia que as coisas não eram como diziam. No dia seguinte, carregou os seus trenós, reuniu suas renas e partimos todos. Meu pai estava perto de minha mãe; quando saiu da aldeia voltou-se e jogou fora os arpões das suas caças e ninguém ousou dizer palavra. Isso queria dizer que amaldiçoava a aldeia...

Mas o grande espírito estava distante e não tinha visto; e na aldeia Eskil se tornou chefe da tribo, e mais tarde Annunglee ganhou um irmãozinho chamado Angol e pareciam muito felizes... Minha mãe nunca mais teve alegria após o que sucedera. Depois, foi emagrecendo e não mais comia nem mesmo o bom fígado de foca... Mais tarde, nem se levantava de cima do abrigo de peles, e meu pai cravou mais uma vez na terra, o seu arpão; foi numa noite das grandes luzes e meu pai saiu de casa...

...E então na aldeia, que mais uma vez meu pai amaldiçoara, a morte chegou, amarela. Todos tombavam irremediàvelmente. A mãe de Annunglee também morreu. Foi então que Eskil, levando consigo Annunglee e Angol, fugiu num trenó...

...procurando dirigir-se à costa, cavando iglus quando queriam repousar... Depois, vieram os lôbos e quando Eskil não mais pôde combater, jogou-se fora do trenó para salvar Annunglee e Angol e os lôbos o pegaram... e seu trenó continuou a correr... depois êles também caíram... e mais tarde me encontraram...

Kumiak terminou a sua longa narrativa...

A MORTE AMARELA... SIM, EU ME LEMBRO... AQUELA EPIDEMIA DE VARÍOLA... EU CHEGUEI MUITO TARDE...

ESCUTA-ME, KUMIAK: DISSESTE QUE NAQUELA NOITE DAS GRANDES LUZES O CORAÇÃO GRITA FORTE, NÃO É VERDADE? ENGANAS-TE... NÃO É O TEU CORAÇÃO QUE GRITA. É A TUA IMAGINAÇÃO...

EU TAMBÉM JULGARA TER ENLOUQUECIDO, QUANDO TE ENCONTREI. TU, KUMIAK, FICARÁS AQUI. ANNUNGLEE TE RECONHECEU?

NÃO, ELA NÃO SE LEMBRA DAQUELE TEMPO; ÉRAMOS PEQUENINOS. MAS... EU DEVO IR-ME EMBORA!

TU FICARÁS E CALARÁS. TU OS PROTEGESTE, MAS, ANTES, ÊLES TE SALVARAM. TU FICARÁS CALADO; ONDE A TUA DIGNIDADE?

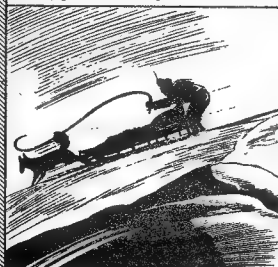
Na zona dos gelos, para além da terra firme que se esconde sob a espêssa camada branca de neve, com tremores e ribombos se inicia o perigoso degêlo primaveril.

TOMA UM, KUMIAK; E SE SENTIRES FALTAR O CHÃO, COLOCA-O, ATRAVESSADO...

COMPREENDI. ANNUNGLEE, FICA BEM JUNTO A MIM...

O perigo mais uma vez reunira os corações de Kumiak, Annunglee e Angol. O antigo rancor parece estar esquecido e dissipado. Okluk, entrementes, chegara à casa do "pequeno médico", encontrando-a fechada e um aviso escrito em esquimó: "Saí para a tribo de Keesik", e no canto, em desenho vermelho, o roteiro da aldeia.

Com uma forte correia e um esquimó vigoroso, a salvação se efetua.

NO ÚLTIMO INSTANTE! LOUVADO SEJA DEUS!

O trenó desliza sem perigo em direção ao aldeamento de caça. Que terá acontecido, entrementes, ao pai de Kumiak? Tomás, o gigante bondoso a cujos cuidados está o ferido, tem seu método especial...

VERÁS QUE EM BREVE CHEGARÁ TEU FILHO COM O VALENTE DOUTORZINHO! ENQUANTO ISSO, BEBE AGUARDENTE! FAZ BEM!

A caixinha que Weimer trazia prêsa ao peito, por felicidade estava ali e assim vai logo em direção ao ferido. Entretanto, para Kumiak chegará o momento decisivo. Que lhe ditará o coração?

AGORA ESTÁS EM SEGURANÇA. PODES FAZER O QUE QUISERES, COM ANGOL...

ESTÁ BEM, KUMIAK...

Um conflito para um só: Kumiak deve vencer o seu rancor.

ANNUNGLEE, POR QUE MOTIVO KUMIAK NOS OLHOU COMO SE FÔSSEMOS MAUS?

CALA-TE! ÊLE É KUMIAK, GRANDE CAÇADOR. E NÓS... BEM, QUEM SOMOS?

Kumiak vai trabalhar no trenó do irmão, apenas para esconder seu sofrimento.

E, de noite, se bem que estafado, não pode dormir...

Mas, Weimer, que vela perto do doente, ouve os suspiros do menino.

KUMIAK, BRAVO CAÇADOR, ESCUTA: AMANHÃ DEVO PARTIR; NÓS NOS DEMOS BEM E QUERO CONTINUAR SEMPRE TEU AMIGO, ESTÁ BEM?

OH, SIM, GRANDE DOUTORZINHO!

O doutorzinho sabe encontrar as palavras que também curam almas.

ANNUNGLEE TAMBÉM TEM DIREITO À TUA AMIZADE. TU A SALVASTE, JUNTOS SOFRESTES, JUNTO VOS CONHECI; JUNTOS TENTASTES SALVAR-ME DO ABISMO, JUNTOS CAMINHAMOS NA NEVE...

No dia seguinte, graças ao tratamento do doutorzinho e à sua fibra excepcional, Comock esta fora de perigo e Kumiak, vencida a luta em seu coração, procura o pai.

Assim, pouco depois Annunglee é chamada para perto da cabeceira da cama.

OBRIGADA, PAI, ESTOU TÃO CONTENTE!

O "doutorzinho" deve regressar a sua casa. De lá tomará novos rumos para ajudar aos que sofrem.

Pouco depois, quando o "pequeno doutor" segue pela solidão ártica...

Certamente Kumiak cumpriu sua promessa — porque o seu coração era verdadeiramente leal, forte e corajoso.

FIM

Os VIKINGS

★

DESENHOS DE GIANNI DE LUCA

★

Audazes, aventureiros e aguerridos, os Vikings atravessaram os mares, desafiando as ondas e os vendavais. Em busca de riquezas, de regiões ensolaradas e cobertas de verdejante vegetação, aquêles homens corajosos se orientavam pela posição dos astros, manobrando seus barcos com admirável perícia. Sigtuna, o impetuoso jovem, simboliza o espírito de conquista que animava o seu valente povo de guerreiros e navegadores dos Oceanos bravios...

1ª parte ★ O DESTEMIDO SIGTUNA

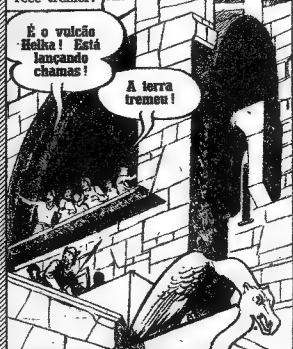
Em certo lugar da costa da Islândia, um jovem contempla a vastidão do mar. É Sigtuna, filho do Rei Lyar, e está ansioso, perscrutando o horizonte, à procura de qualquer sinal que lhe mostre a aproximação de algum barco... E sua voz parece trêmula de emoção...

E, como que em delírio, Sigtuna imagina ver o Rei Lyar, no meio da névoa, imponente como naquele dia em que partira, muito tempo antes...

Nisso, algumas pedrinhas, rolando do alto do penhasco provocam um rumor que tira Sigtuna de seu êxtase...

É um adolescente que surge, causando certo espanto a Sigtuna...
Oh, Rambaldo! Ouviste-me a falar sòzinho e, como os demais, supões que estou louco... Estavas à minha espreita?
Não, ó Sigtuna! Vim avisar-te de que chegou a Reijkiav a nau do Rei! E...
O Rei... voltou? E perguntou por mim? Fala! Êle virá aqui?
Oh, Sigtuna... Há tantas luas que vagueias pelos cimos dos rochedos, em delírio! Por isso é que nada sabes, ainda... A nau trazia um sinal de luto...
...e, quando dela desembarcou, Ragnar, o Comandante, empunhava a espada do Rei Lyar! Êle disse que, na altura das "Ilhas da Luz", uma tempestade dispersou a frota e que o Rei morrera... nomeando-o — a êle, Ragnar — o sucessor legítimo do trono... por te julgar demasiado jovem para isso. E, como estavas ausente, Ragnar se fêz coroar Rei, em Reijkiav!
Sigtuna, cerrando os punhos, desce a correr pela encosta...
Não é possível! Ragnar é um traidor! Meu Pai não teria...
Enquanto isso, no palácio real, em Reijkiav, os demais comandantes de navios ouvem o juramento prestado pelo novo soberano...
Em nome dos deuses, cuja proteção invoco, juro sôbre esta espada, que será o meu cetro, defender o destino de meu povo! E minha palavra será a Lei!
...quando surge repentinamente Sigtuna!
Traição! Não acrediteis, ó Grandes Chefes, nas palavras de Ragnar! Êle é um usurpador!
Sigtuna! Como ousas te rebelar contra o novo Rei?
Meu Rei é Lyar! Não passas de um subalterno! Devolve a espada que não te pertence, ou cairão sôbre a tua cabeça a cólera dos deuses e a fôrça de meu braço vingador!
Com sorriso maldoso, Ragnar encara o jovem viking, e, procurando sopitar a ira, fala, pausadamente...
Fôste sempre rebelde e violento, Sigtuna! Fôste sempre orgulhoso e cheio de ambição! Mas... fica sabendo: o Rei Lyar não mais existe! E eu recebi o poder das mãos dêle! Cala-te, pois!

Desprendendo-se, porém, dos pulsos que o seguram, Sigtuna brada, colérico...

Chefes e Comandantes! Onde as provas de que o Rei morreu? Invoco o poder dos deuses do Mar! E desafio Ragnar à "prova dos deuses"! Se eu perecer, podereis reconhecê-lo como vosso Soberano!

Por entre as surdas detonações que saem da cratera, pouco distante, Sigtuna imagina ouvir uma voz...

Sakalda, a feiticeira, me ordena que vá à presença dela! Ouço-lhe a voz!

...chegando, após, ao antro de Sakalda, a feiticeira!

Aqui estou, ó Sakalda! Se ousei subir até aqui, violando as antigas leis, é porque teu chamado era convidativo e meu coração se achava oprimido!

Mas... o trono de meu Pai está sendo usurpado, ó Sakalda! Que deverei fazer, se o Rei foi para distantes mares? Estará êle ainda vivo?

Novo ribombar, como o de muitos trovões juntos, ecoa pelos ares, e outra vez a voz de Sakalda se faz ouvir, parecendo a Sigtuna saída de entre as lavas incandescentes...
Constatarás isso por ti mesmo! Arma um barco e singra os mares! Hás de chegar às terras do Sol e da Luz! Terás muito que ver! Vai...

Mais reconfortado, cheio de esperança, Sigtuna se retira...
Obedecerei à ordem de Sakalda!

Em Reijkiav, entrementes...
Acautela-te, Ragnar, pois Sigtuna tem muitos partidários! Bastaria uma brisa ligeira para derrubar-te do trono, ao qual subiste pela...
Não te preocupes, Ingolfo! Vinte guerreiros de minha confiança estão aguardando o rebelde, no desfiladeiro de Enstag... E, então...

No desfiladeiro de Enstag...
Segurai-o! É um sacrílego!
Traidores!
Êle está louco!

E, daí a pouco...
Pronunciai a sentença, ó Supremo Sacerdote, para que não se diga que meu desejo é, apenas, vingar-me, apesar de ser eu o novo Rei!
Cometeste um sacrilégio, ó Sigtuna, ao ousares ir ao refúgio de Sakalda! Para tamanho crime, só há uma punição: a morte pelo fogo!
À MORTE!

Sigtuna volve o olhar, serenamente, para o cume do Helka. E, embora tenha despertado a cólera dos sacerdotes e a vingança do usurpador Ragnar, o jovem Sigtuna ainda está confiante, quando o levam ao suplício...
Entrego-me à tua proteção, ó Sakalda!

Amarrado ao mastro de um barco, êle aguarda...
Aprontai as flechas, e deixai a nave ao sabor da correnteza! O fogo destruirá as fôrças do mal!

Sôbre a escarpa, alguém está vigilante...
Devo agir ràpidamente...

E, com um salto na direção das águas geladas do fiorde, Rambaldo — pois é êle a pessoa que tenta salvar Sigtuna — . . .

. . .afronta, igualmente, o perigo das setas incendiárias, que começam a ser lançadas das margens. . .
ATIRAI !

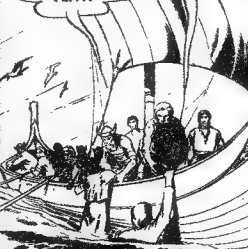
. . .e se cravam na madeira, que começa a pegar fogo!
Terá chegado o meu último instante ?

Oh ! O fogo !

Nadando para o barco, o valente Rambaldo, depois de subir a bordo, vai até ao mastro e, com uma faca . . .
Rambaldo !
Estás salvo, Sigtuna !

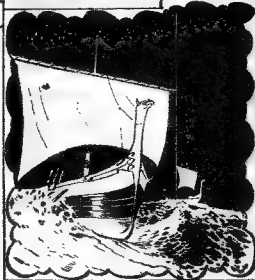
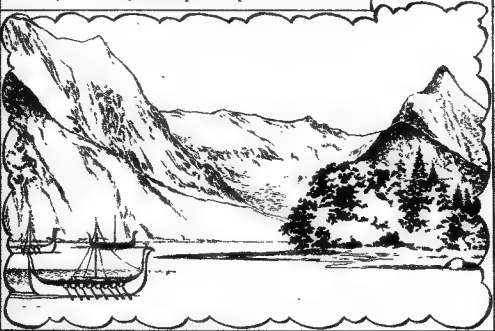
A êsse tempo, o barco, impelido ao sabor da maré vazante, está distante da costa, e os dois vikings saltam ao mar.
Devem ter-nos visto, de terra !
Não importa ! Vamos nadar para o fiorde . . . adiante do promontório !

Nisso, porém . . .
Olha ! Seremos perseguidos !

Felizmente, no entanto, trata-se de um barco sob o comando de Upsal, o Arqueiro do Rei Lyar, e que viera tentar a salvação de Sigtuna. Sem demora...

De sob as roupas de peles, Upsal tira uma flâmula, e...

Com entusiasmo, aquêles fiéis súditos içam a flâmula real...

E, enquanto, ao impulso de vigorosas remadas, o barco se faz ao largo, Upsal narra a Sigtuna o que se passara durante a expedição chefiada pelo Rei Lyar, e da qual o próprio Upsal fizera parte, assim como Ragnar, o traidor...

"Tendo partido de Reijkiav, navegamos durante muitas luas... O imenso mar nos cercava, e observamos inumeráveis constelações até então desconhecidas por nós. E, numa certa manhã, avistamos terra! Tratava-se de ilhas muito lindas, e o Rei declarou serem aquelas as "Ilhas da Luz"..."

"Para elas aproamos, e o Rei Lyar desceu à terra... O mar e o céu eram de um azul extasiante, e o verde da vegetação ostentava uma eterna primavera! Era a terra prometida de um vasto domínio... Depois, o Rei ordenou a partida. E foi à procura de outras ilhas, com todos os barcos, menos um, onde fiquei a reparar o cordame."

"Contudo... a frota do Rei não voltou! Mas... dias depois, deram à costa — alguns destroços — agarrado aos quais estava Ragnar. Narrou êle que houvera um naufrágio, e que o Rei morrera! Desde o princípio, duvidei das suas palavras, e exortei então aos amigos que haviam permanecido na ilha, que se fizessem ao mar comigo, para procurarmos o Rei Lyar. Mas... Ragnar mandou aprisionar-me! Fugi... para mais tarde voltar ao navio onde me escondi, disfarçado. Dêsse modo, regressei a Reijkiav. Quanto a Ragnar...

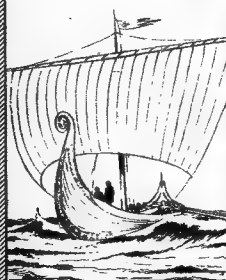
Sim! Foi êle quem matou meu pai! Ou... talvez o tenha abandonado em algum rochedo deserto...

De repente...

Os barcos de Ragnar!

De fato, Ragnar está em perseguição de Sigtuna, com seus mais velozes barcos!

Fôrça nos remos! Antes de cair a noite, teremos de os alcançar!

Mas o barco de Upsal corta as ondas mais velozmente que o vento...

...e vai com segurança, no silêncio das noites amenas, sob o manto de estrêlas.

Quando aquêle agrupado de estrêlas desaparecer no horizonte, estarão à vista as "Ilhas da Luz"!

Veremos em breve um grupo de estrêlas que se dispõem em forma de cruz!

Impulsionados pelo vento impetuoso, dois colossais blocos de gêlo flutuante fecham, num perigoso estreito, a embarcação viking, que vai por entre a densa névoa que havia baixado sôbre o mar!

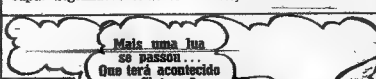
Com o choque fortíssimo, quase tôda a tripulação desaparece, tragada pelo mar! Salvam-se Upsal, Sigtuna, Rambaldo e um tripulante, nos destroços do barco...

Por dias e dias os quatro náufragos vagam ao sabor das ondas...

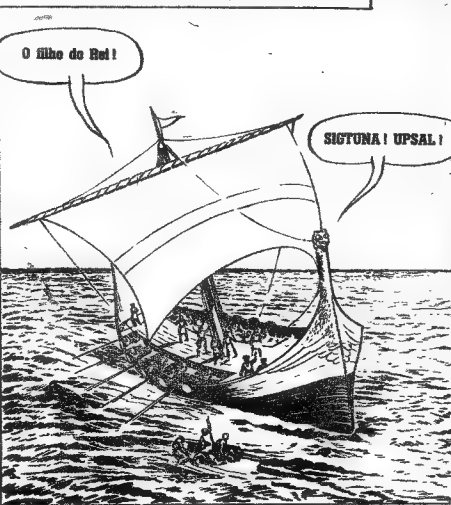
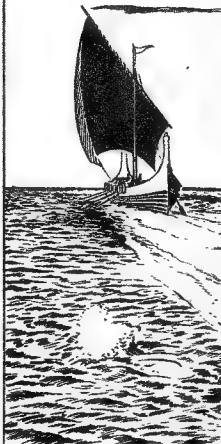
Os ventos gélidos das noites longas se alternam com o calor, ao sol do dia... E, ameaçador, terrível o fantasma da morte...

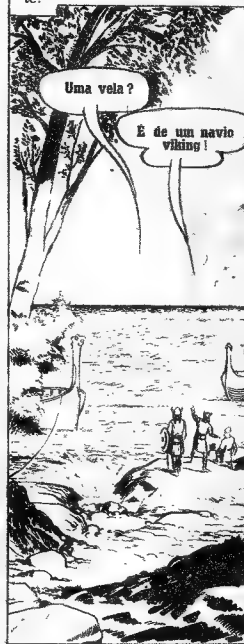
Ao contrário do que tinha afirmado Ragnar ao povo, o Rei não havia morrido! O traidor o abandonara numa ilha rochosa, em meio do oceano, como supusera Upsal...

Mas, pouco tempo depois, um barco foi dar àquela ilha e encontrou o Rei. Era um dos outros poucos barcos vikings que haviam escapado da tempestade...

Imponente, no alto da proa, o Rei do Mar percorre com o olhar a vastidão das águas. Um pensamento o preocupa: Sigtuna... onde estaria êle, o filho amado?

Nesse barco, o Rei Lyar volta à "Ilha da Luz", e...

Com a madeira cortada nas selvas da ilha, é reparada a embarcação, que se faz de novo ao mar...

Certo dia, de repente...
Náufragos!
Velozmente, o barco atinge os destroços onde estão os quatro sobreviventes do barco de Upsal, e que são recolhidos...
O filho do Rei!
SIGTUNA! UPSAL!
Meu Pai! Meu Rei!
Infinita é a misericórdia dos deuses!
Entre amigos, as explicações são rápidas. Os olhos falam mais que os lábios...
Ragnar nos perseguia! Sei que tinha em mente voltar com todo o povo dos vikings às ilhas descobertas, e, talvez...
Senhor! Eis a vossa flâmula!
Que se modifique a rota! Ao mastro a flâmula côr de ouro!
O crepúsculo é belo, sôbre o mar. Os remos impulsionam vigorosamente o navio viking para seu novo destino!

Nesse meio tempo, seguindo por outra rota, as embarcações de Ragnar chegam às "Ilhas da Luz"...

Mas... de quem seria a nau cuja vela despontava no horizonte?

Diante da inesperada visão, Ragnar estremece de pavor!

O barco aporta, afinal, e...

...dêle desce o Rei, armado! O soberano avança pela praia na direção de Ragnar!

Não podendo se conter mais, Sigtuna investe de um salto, empunhando a espada! Mas, Ragnar, protegido por seus cúmplices, se dispõe a resistir!

Trava-se uma luta furiosa! Sangue de irmãos de raça se mistura nas areias...

A poderosa voz de Lyar domina o fragor da luta!

A atitude enérgica do Rei faz cessar a desordem...
Olhai! Ragnar foge, com seus seguidores, para os navios!
Deixai-o ir! Entre meus guerreiros não há lugar para aquêles que alimentam ódio e traição, dentro de si mesmos!

E tu, Sigtuna, lembra-te: Jamais poderás ser um Rei viking, se não souberes dominar tua impulsividade! Deves aprender a sopitá-la! Não uses nunca a espada, e, sim, a clemência contra teus inimigos!

Ragnar, aproveitando-se da magnanimidade de Lyar, escapa à justiça dos vikings...
Podeis fugir, traidores!
Renegados!

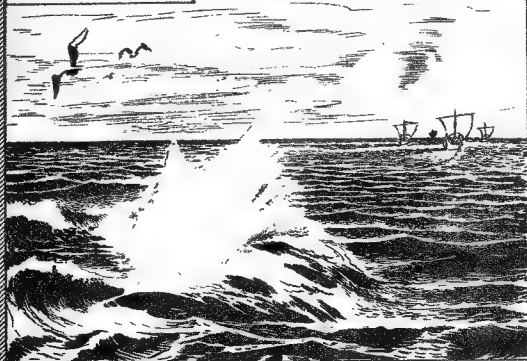
Mas, em seu coração de malvado, o traidor abriga sentimentos perversos...
O Rei se vingará!
Antes que êle se vingue... saberemos tomar precauções! Esta noite vamos incendiar os navios daqueles tolos!

Durante a noite...

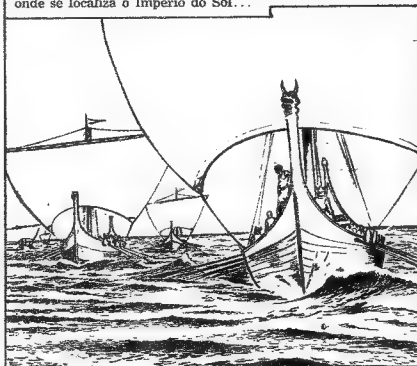
Ajudado pelo vento, o fogo se propaga com rapidez e violência. Em pouco tempo, na enseada em que está ancorada a frota se vê uma grande fogueira...

Às armas!
FOGO! FOGO!

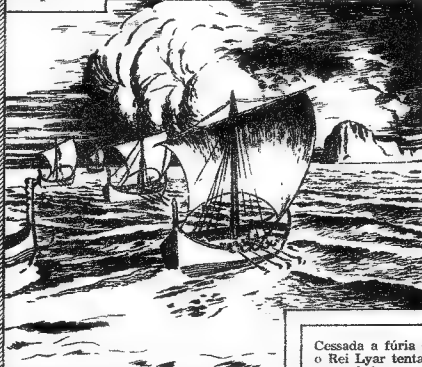
Todos os esforços são inúteis! Nem um só barco escapa à destruição!
O traidor está fugindo!

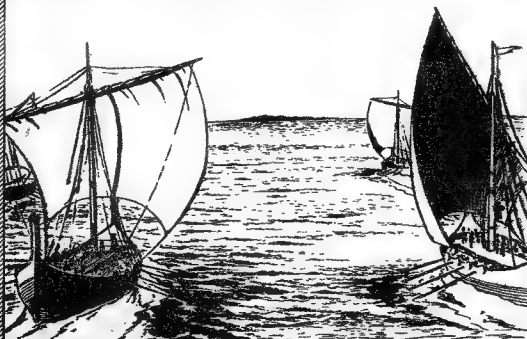
Enquanto arde sôbre o mar o que restava da esquadra, Ragnar se faz ao largo, em seu barco...

Não poderás fugir, ó Ragnar! O castigo dos vikings há de te atingir! Não escaparás à justiça dos deuses!

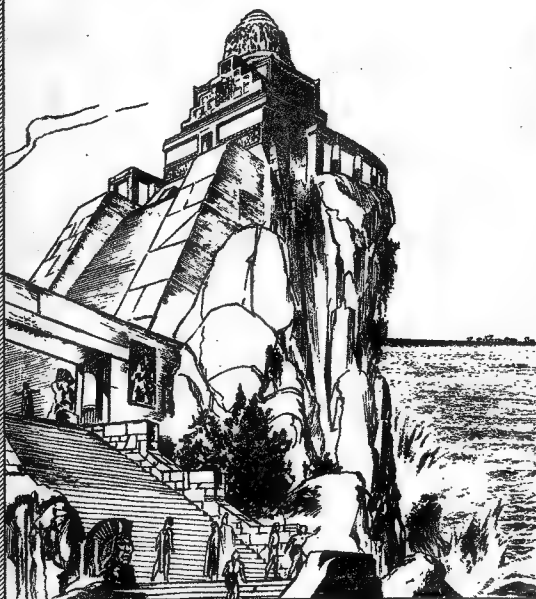
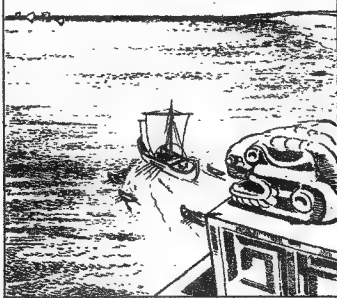
O Rei Lyar ordena depois que sejam abatidas muitas árvores, com a madeira das quais é construída nova frota...
Nosso Rei já teve de dirigir a construção de barcos! Foi quando, ainda jovem, se decidiu a levar os seus guerreiros para a Islândia!
...e dos nossos antepassados!
Saibamos, portanto, ser dignos do nosso Rei Lyar!

E, quando os novos barcos dos destemidos vikings se fazem ao mar, o Rei Lyar ordena que seja tomado o rumo das terras onde se localiza o Império do Sol...

Certo dia, em alto mar, um dos barcos que haviam partido com Ragnar se aproxima da frota do Rei Lyar! E, então...
Arrependemo-nos, ó Rei, e viemos pedir-te clemência! Não queremos ficar sob as ordens de Ragnar!
Eu vos perdôo e vos acolherei! Mas... onde está o infiel Ragnar?
Êle se abrigou em uma ilhota solitária! Mas não desistiu de tramar contra ti!

Rumemos para lá!

Algum tempo depois, no entanto, do alto de um rochedo, Ragnar vê ao longe a frota que se aproxima. E, temeroso, se apresta para nova fuga...
Aos remos! Içar velas!

Proximo daii. o Rei Lyar ordena que seus barcos procurem abrigo seguro...

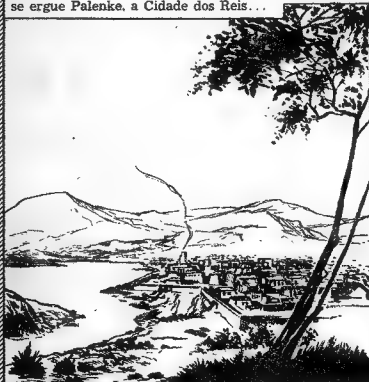
Estaremos a salvo! Mas o traidor Ragnar não poderá ir para onde vamos!

2ª parte ★ O IMPÉRIO do SOL

Em terra, os habitantes se aglomeram em uma plataforma onde o Grande Sacerdote lhes dirige a palavra, em tom solene. Ali, do alto daquele templo imponente, estão guerreiros e sacerdotes do povo maia, contemplando, curiosos, os barcos vikings que se aproximam...

E, então, parte o grupo de maias que vão dar as boas-vindas...

A bordo do barco de Sigtuna...

O Rei Lyar lhe retribui a homenagem...

Sacerdote do Sol! Toma a minha espada! Também ela tem no punho o signo da Cruz. Mas, revela-me o mistério de tuas palavras.

O mistério pertence ao Ser Supremo! Outros dirão ao herói de teu povo aquilo que ocultou o curso dos astros noturnos... Vem à sagrada Palenke, que saberás o que está profetizado!

Entre o rio e as montanhas, na península de Yucatan, se ergue Palenke, a Cidade dos Reis...

Sob o reinado de Yubarta, o Sábio, o império dos maias atingia o máximo de esplendor e poderio. Leis justas colocaram os maias superiores a todos os povos vizinhos... Mas, sob o fausto daquela adiantada civilização já surge a discórdia — germe da decadência. Profunda crise política e religiosa sacode o império: a casta dos guerreiros luta e conspira para derrubar a casta dos sacerdotes...

Certo dia, antes que a Palenke cheguem os mensageiros do Mar Exterior, estão reunidos o Rei e os Supremos Sacerdotes...

Nós, sacerdotes de Itza, denunciamos ao Grande Conselho os rituais com sacrifício de vidas humanas, praticados pela seita herege da casta dos guerreiros!

Ó sábios, quem segue as crendices dos toltecas e dos azatlans, devoradores de fogo, e esquece o poder da luz do Enn, não pode viver no Império do Sol! Deveremos desterrar Cossura e sua casta!

À porta do Palácio chega um mensageiro e tenta forçar a entrada na Sala do Conselho...

Dai-me passagem! Trago mensagem urgente!

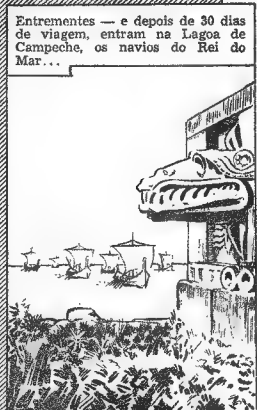
O Grande Conselho está reunido! É proibido entrar! Para trás!

E, daí a pouco...

Como fulminado, o mensageiro cai ao solo sem concluir a informação!

Fingindo amistosa recepção, Cossura vai ao encontro de Yukas e dos vikings, mas...

Entrementes — e depois de 30 dias de viagem, entram na Lagoa de Campeche, os navios do Rei do Mar...

Mas, nesse momento, Cossura põe em execução seus planos de se revoltar aproveitando-se da oportunidade favorável que oferece a chegada da frota viking!

...de repente...
Prendei o falso profeta! E aprisionai êstes assaltantes! Às armas!

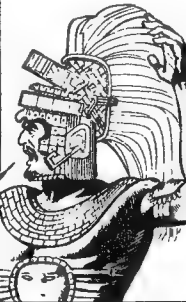
Traição!
À mim, ó vikings!

De bordo, Upsal percebe o perigo que seu Rei corre, e lança seus guerreiros ao combate!
À luta, vikings! Dai aos ocupantes dos outros navios ordem de desembarque! Ao assalto! Salvemos o Rei! Salvemos Sigtuna!

No entanto, de todos os lados da lagoa surgem navios dos cúmplices de Cossura, prontos para a abordagem... Das matas, nas margens aparecem novos grupos de guerreiros maias armados de flechas e de lanças!

O traidor está satisfeito...
É o que eu queria! Espalharei a notícia de que os Sacerdotes do Sol chamaram os hiperbóreos para assaltar o país! Sublevarei todo o povo maia!

Abrindo claros nas fileiras dos guerreiros maias, Upsal consegue pôr a salvo o Rei Lyar! E, então...
Upsal! Para bordo!
Sigtuna caiu prisioneiro!

Somos forçados a uma retirada, para não sermos cercados e massacrados!
Vikings! Aos remos!

A notícia da "traição" do Rei Yubarta e do "assalto" dos hiperbóreos se espalha, corre de bôca em bôca, sublevando o povo nos campos e nas cidades. Dêste modo chega a Palenke, onde Yubarta não tem mais tempo nem meios de dominar a situação...

Deixando tombar levemente a cabeça encanecida, Yukas exala seu último suspiro. É quase absoluto o silêncio em tôrno de Rambaldo. A lua vai em meio do firmamento... Rambaldo se sente só... Mas seu coração de viking é forte, e sabe vencer o temor que infunde aquela terrível solidão...

Enquanto isso, no seu palácio, Yubarta é informado da gravidade dos acontecimentos...

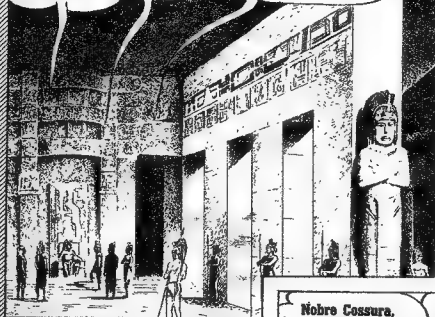
Os partidários de Cossura estão senhores da situação!

O palácio está cercado!

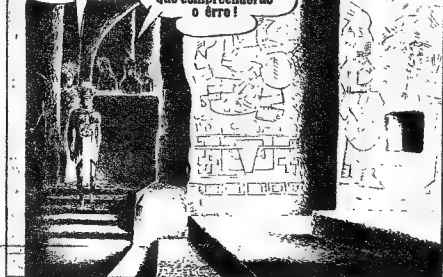
Que não se derrame mais sangue. Retiremo-nos pela Gruta dos Manes, através da passagem secreta!

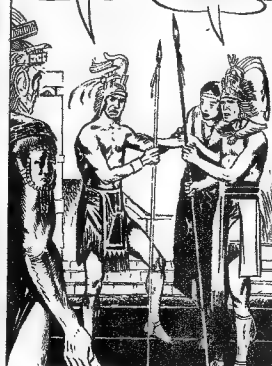
Depois, nos subterrâneos, empreende a fuga...

Os nossos guardas se passaram para o inimigo!

Chegará o dia em que compreenderão o êrro!

E, quando o traidor Cossura chega, com seus partidários...

Yubarta e os sacerdotes fugiram! O palácio está deserto, ó nobre Cossura!

Até que sejam destruídos todos êles, não teremos paz!

Nobre Cossura, trago-te prisioneira a própria filha do Rei!

Penetramos no templo das Virgens do Sol, e conseguimos capturá-la!

Ah, és a virgem destinada a ser rainha por direito sagrado! Bem, dar-te-ei um espôso... Olha-o, é um jovem hiperbóreo vindo do além-mar para te desposar!

O triunfo de Cossura parece assegurado. Sigtuna, calado, olha para a Princesa. E lhe parece, então, que nem tudo está perdido, e que um fio misterioso liga a sua vida à da encantadora donzela...

Depois de muito caminhar, Rambaldo encontra alguns maias que haviam ficado leais a Yubarta, e...

É difícil passar pela cidade ocupada pelos rebeldes; os partidários de Yubarta ainda são muitos porém, e...

E, pouco depois...

O Rei espera o mensageiro!

Teu coração não deve temer, ó jovem! Entrarás no templo subterrâneo dos ancestrais dos maias!

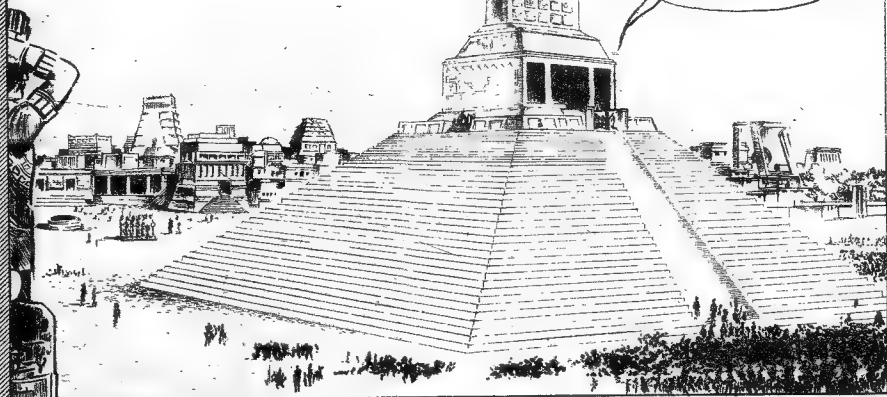
Rambaldo se ajoelha ante o Rei Yubarta. Sob a imensidão da abóbada escavada na rocha, diante das múmias dos Manes, um vago sentimento de angustia parece invadir o jovem viking

Meu povo, o viking, não veio para vos fazer guerra... Fomos assaltados à traição, mas o meu Rei conseguiu escapar à cilada, e tentará um contra-ataque, para libertar Sigtuna, os demais prisioneiros e também a ti, ó Rei!

O Rei do Mar, no entanto, vendo-se atacado e perseguido pelas naves maias, procura ao longo da costa um lugar seguro onde desembarcar...

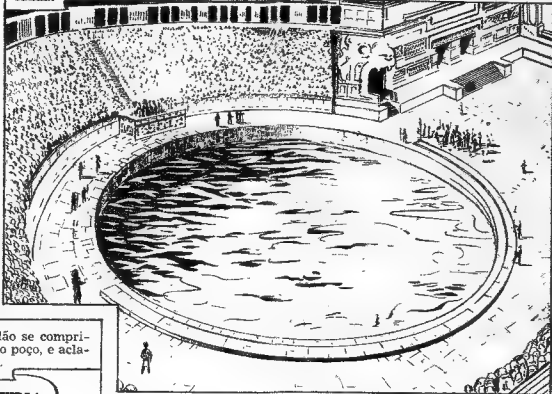
Reunido o Conselho, Yubarta expõe um plano de ação.

Cossura, entrementes, celebra o seu triunfo, no Templo dos Guerreiros, e fala ao povo...

Dominamos todo o país! Caiu para sempre o domínio dos Sacerdotes do Sol! E, mesmo que êles se abriguem na floresta, nós saberemos aniqüilá-los! A casta dos guerreiros tem agora o seu Rei!

Enquanto isso...
Princesa, é chegada a nossa hora! Morreremos juntos... Mas, por quê nos vendaram os olhos?
Para conduzir-nos ao Poço dos Sacrifícios!

O poço mencionado pela Princesa fôra construído em Itza pela seita dos maias hereges, no centro do imenso Palácio dos Tigres. Suas águas profundas estão infestadas de "kukulcans", as serpentes sagradas, e dos venenosíssimos iguanos de grande cauda!

Por quê estás calado, guerreiro? Temes a morte?
Não! Estou a pensar em que se esvai para sempre o meu sonho de glória!

Grande multidão se comprime em tôrno ao poço, e aclama Cossura...
VIVA COSSURA!

Mas entre aquela multidão se infiltram alguns partidários do Rei Yubarta, e alguns dêles falam em voz baixa...
Todos prontos!
Arrancaram a venda dos prisioneiros!

Os iguanos! Que será da Princesa e das outras Virgens do Sol?

A filha do Rei será a primeira a ser lançada ao poço!

Então...

Mas, Sigtuna, com um supremo esfôrço, consegue arrebentar a corrente que lhe prende as algemas...

...apossa-se da espada de um guerreiro maia...

...e se atira no poço.

A golpes de espada, Sigtuna se defende dos iguanos que o atacam A água se tinge de vermelho com o sangue dos monstros.

Surpreendidos pela rapidez com que se desenrolara a cena, os maias olham espantados para o poço, onde...

...Sigtuna parece um herói invencível!

Nobre Cossura...
Não me pertubes! O viking é forte, mas não poderá matar todos os iguanos! E, por onde fugiria depois, se as paredes do poço são lisas e escorregadias? A morte dêle será, pois, mais... divertida!

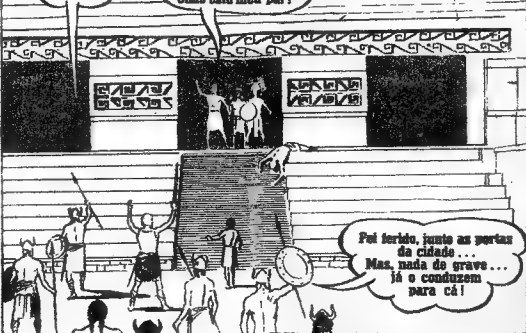
Nobre Cossura... um cidadão que fugiu de Maiapan trouxe a notícia de que os hiperbóreos conquistaram Tho, retomaram Maiapan e marcham agora sôbre Itza!
Impossível!
Às armas! Guerreiros, às armas!

Os partidários de Yubarta, infiltrados na multidão, atacam de surprêsa, golpeando sem hesitação. No Palácio dos Tigres, a luta é feroz...

...enquanto Cossura corre para os abrigos, junto às muralhas.
Vigiai tôdas as portas da cidade!
Estamos cercados! Os campos estão cheios de soldados!

Tendo-se apressado, os guerreiros comandados pelo Rei do Mar chegam aos arredores de Itza, e...

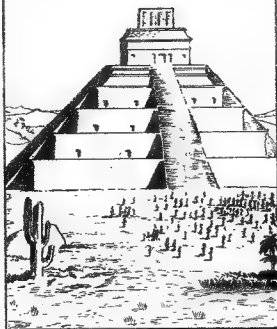
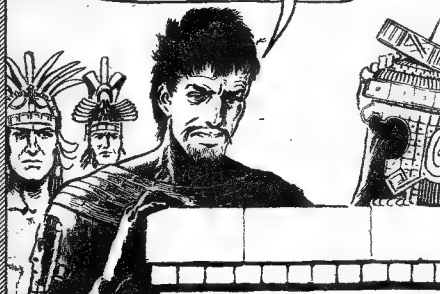
...derrotam os partidários de Cossura!
Avante!
Ao Palácio dos Tigres!

Depois...
Sigtuna! Salvo!
Onde está meu pai?
Pai ferido, junto às portas da cidade... Mas, nada de grave... já o conduzem para cá!

Pai! Meu Rei!
Sigtuna, bom filho... Não abandones a luta um só instante! Assume o comando dos vikings e continua o combate! Não dês descanso a Cossura... Persegue-o... Vai!
Sigtuna assume o comando dos guerreiros vikings e maias reunidos. Em seu rosto, ao invés do desânimo e da fadiga, brilha agora a chama do orgulho e da intrepidez!
Vikings! Povo maia! Levantai as espadas e os escudos! Saberei concluir a missão iniciada por meu pai, o Rei Lgar! A Pelenke!

Do Templo dos Tigres aos altares sagrados de Coba! De Coba a Uxmal! De Uxmal a Kalmul... Todos os lugares por onde passara acorrentado, Sigtuna agora atravessa vencedor, à frente das tropas... Vai, de vitória em vitória, a caminho da glória!

Palenke é tomada, e...
A cidade está em nosso poder!
E do Rei Yubarta? Nenhuma notícia?

Trazem notícias de que Yubarta caiu prisioneiro de Cossura, o qual o mantém fechado no Templo das Inscrições!
Vamos atacar o Templo!

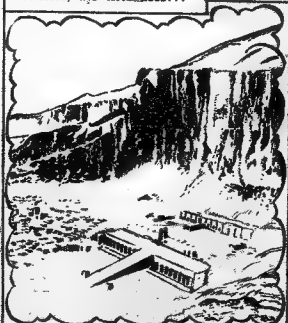
Mas são baldados todos os esforços para tomar o último baluarte inimigo!

Cossura se defende por todos os meios...
Dizei aos hiperbóreos que matarei Yubarta, se êles não desistirem do assalto, não voltarem com suas tropas para o mar, de onde vieram, e não abandonarem para sempre o território dos maias!

A notícia da dura condição imposta pelo traidor chega ao chefe dos vikings...
Cossura fará executar a ameaça se eu não me retirar! Não quero ser o causador da morte de teu pai!
Nada receies! Isso não acontecerá! Existe uma passagem subterrânea entre o Palácio e o Templo das Inscrições, que só eu e o Rei conhecemos! Vem, que te mostrarei onde é! Esta noite penetrarás no Templo, com teus guerreiros!

Guiados pela Princesa, os vikings estão prontos para a luta.
Vês? Assim se abre a entrada... A galeria conduz à Sala das Constelações...

AO ASSALTO!
ATACAR!
YUBARTA!

Os partidários de Cossura, surpreendidos, fogem em debandada!

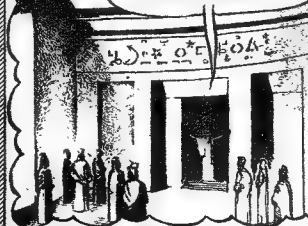
"Lá onde se estende a imensidão do mar que teus navios singraram, existiu em tempos remotos um continente — a Atlântida..."

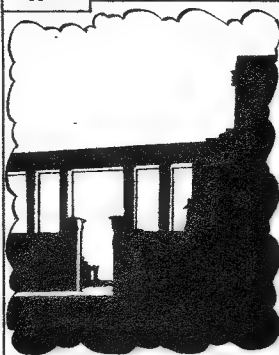
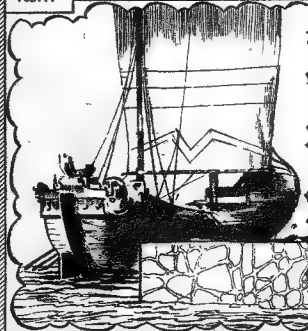
"Da cidade de Poseidon, resplandecente sob o sol, com seus tetos cobertos de ouro, os atlântidas estendiam o seu domínio além das terras dos hiperbóreos, dos iubérios, dos titonídeos..."

" ..e ao grande pôrto chegavam barcos de todos os tipos, trazendo mercadorias dos núbios traficantes de marfim, dos caríbeos carregados de âmbar, dos solútreos com seus cavalos..."

"Interpretando o curso das estrêlas e a revolução dos astros, os sábios Sacerdotes do Sol sabiam predizer o futuro. Conheciam todos os idiomas da terra. Possuíam todo saber, iluminava-os a luz divina do Supremo Enn..."

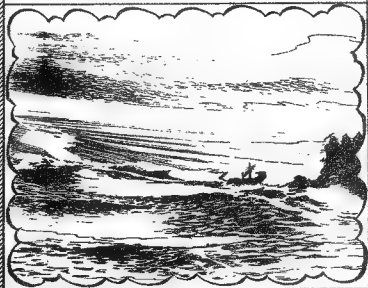
"Mas, com seus palácios maravilhosos, gozando as riquezas das minas inesgotáveis, a fertilidade dos campos daquele continente, que era o jardim dos deuses, os últimos atlântidas se esqueciam dos ensinamentos dos sábios e das leis gravadas nas colunas de bronze..."

"...e, certo dia..."

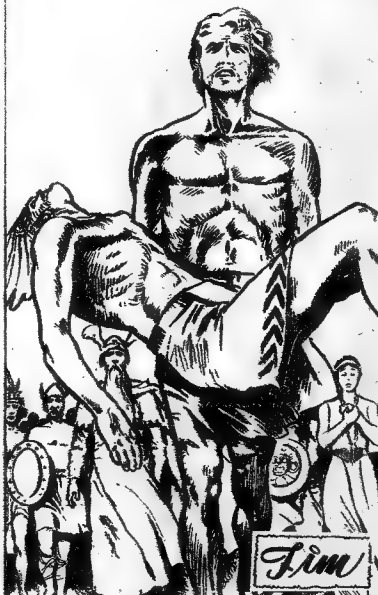
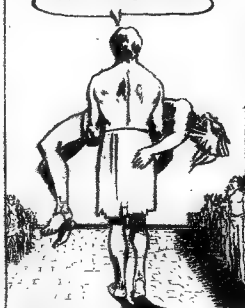
Sacerdotes do Grande Conselho, trago terríveis notícias! Os nossos cálculos astronômicos nos dão a confirmação das catástrofes terrestres... As manchas do Sol e pertubações siderais nos anunciam grandes maremotos... Todos os vulcões da terra estarão em atividade...

A terra dos caribes está em chamas! O litoral da Atlântida já estremece com o fogo subterrâneo! É chegado o momento de fugir para as terras que o cataclismo vai poupar!

"...através da colunata se divisava ao longe o sinistro fulgor dos vulcões em erupção..."

"Foi então preparada a fuga. Para um grande navio levaram-se tôdas as tábuas das leis, as de ciência, as tábuas de cálculos astronômicos e os vocabulários das línguas de todos os povos..."

"...mas, durante a viagem, o barco foi castigado pelas imensas ondas levantadas pelo cataclismo que fazia desaparecer sob as águas do Oceano o grande Continente..."

"O navio, abandonado à própria sorte, vagou sem rumo, jogado pelas águas enfurecidas. Durante cinco dias o sol desapareceu..."

"Finalmente, levado pelas correntes marinhas durante trinta dias, foi jogado às costas desta terra... ali mesmo, àquela rocha onde ainda agora se encontra... As águas depois se retiraram, voltando ao antigo nível..."

"Os sacerdotes atlântidas, com suas espôsas, sobreviventes à terrível catástrofe, desembarcaram, e construíram aqui o primeiro templo chamado o das Leis ou das Inscrições, e predisseram que algum dia os povos divididos pelo mar tornariam a se encontrar... Aquêles sacerdotes atlântidas fôram os nossos avós, os nossos manes."

Sob a violenta ação do veneno dos azatlans, Yubarta perde as fôrças...

Povo maia, eu vos deixo... Hoje se inicia uma nova era na história do Império do Sol... Ao herói hiperbóreo eu dou minha filha para espôsa... Êle será vosso Rei! Esta é a minha última vontade, e a vontade dos nossos antepassados! Que a paz reine eternamente sôbre a nação maia...

ÓPERAS FAMOSAS — II

BÓRIS GODUNOV

de MODEST PETROVICH MUSSORGSKY

ESTAMOS em 1598, na côrte do Czar russo Féodor. O conselheiro privado do Czar, Bóris Godunov, estava tramando a conquista do trono. Bóris já havia conseguido, por meio de intrigas, que o irmão do Czar, Dmítri, futuro herdeiro do trono, fôsse assassinado.

Com a morte do Czar não havia, agora, quem o sucedesse. Bóris fingia que não queria o trono, mas, secretamente, ordena a seus oficiais que se misture à populaça e a guie até o seu palácio. Lá, deveriam fazer com que todos gritassem e insistissem em que êle, Bóris, aceitasse a coroa.

Enquanto isso, no Convento dos Milagres, Pimenn, um velho monge, revela a trama de Bóris a um noviço, Gregory, contando-lhe ainda a verdade acêrca da morte de Dmítri. Quando Gregory ouve que Dmítri era um rapaz de idade igual à sua, planeja usurpar o trono para si mesmo. Espalha, então, um boato de que Dmítri ainda está vivo, e faz-se passar por Dmítri, o verdadeiro herdeiro do trono. Gregory foge do Convento e toma a direção da Polônia. Lá, conquista o apoio do povo polonês.

Mais tarde, Bóris Godunov é coroado Czar da Rússia. Certo dia, está visitando seus filhos Féodor e Xênia. Bóris se orgulha de que seu filho se interesse pelos seus estudos, e está entretido em lhe dar conselhos, quando recebe a notícia de que o povo se revoltara. Bóris é informado de que a populaça acredita que Dmítri está vivo ainda.

Agoniado pelo pêso de seus crimes e pelo mêdo, Bóris Godunov ordena que se tomem precauções, e que a guarda militar fique alerta.

Enquanto isso, Gregory conseguiu o apoio da bela Morina, que ambiciona tornar-se Czarina da Rússia. Os dois tramam, juntos, a conquista do trono.

Gregory organiza as tropas revolucionárias que consegue reunir, formando um grande cortejo com o povo, o qual o aclama como o Czar Dmítri.

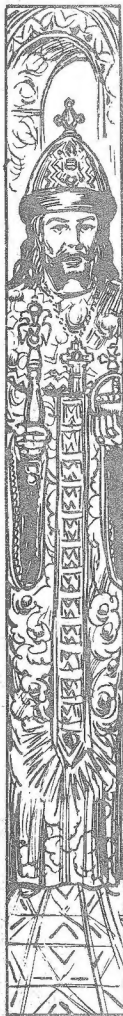
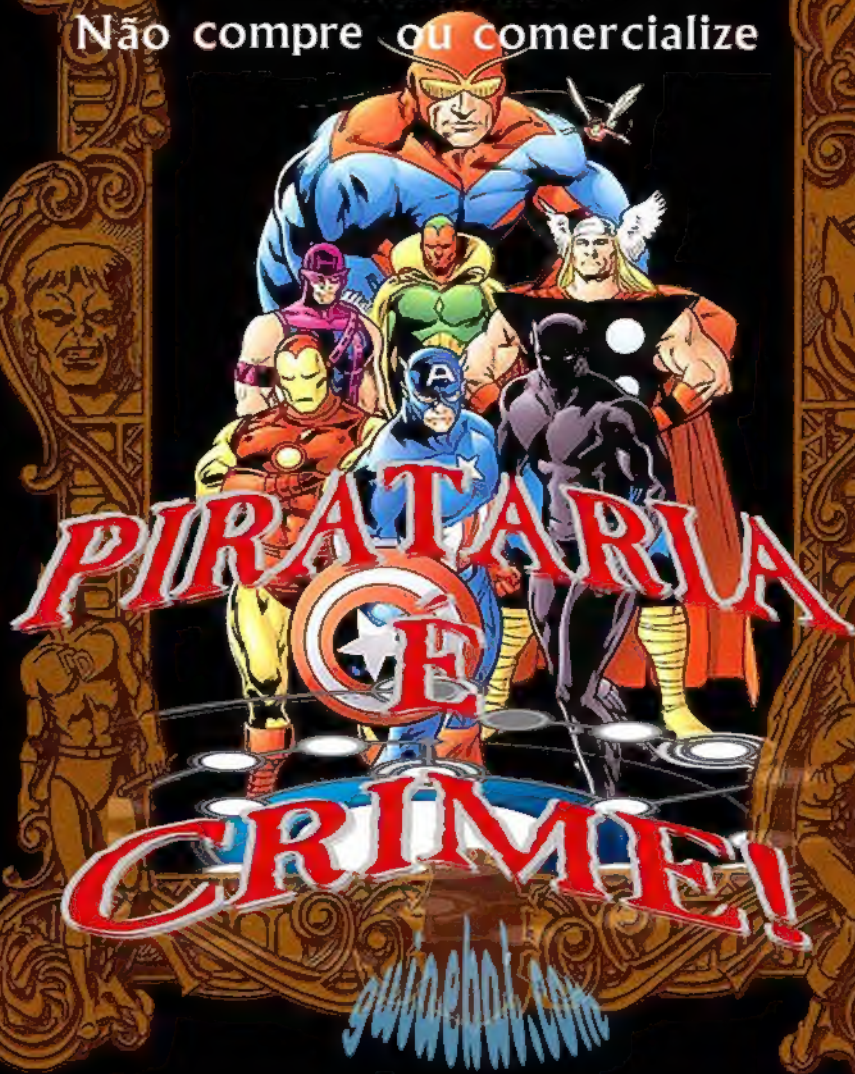
No Kremlin, reune-se a Assembléia Russa. Os nobres estão à espera de Bóris, quando lhes trazem a notícia de que êste parece estar falando com o fantasma de Dmítri. Finalmente, Bóris entra no salão; parece estar louco, mas, quando se senta em seu trono, retoma novamente seu ar de calma e dignidade.

O secretário da Assembléia diz a Bóris Godunov que um velho monge veio vê-lo e o espera na outra sala. Bóris concorda em ouvir o santo homem, na esperança de que êle possa restaurar-lhe a paz de espírito. É Pimenn que o procura. Êle entra e conta a Bóris uma história de um velho pastor cego que havia ido ao convento dizendo ter sonhado que uma voz lhe dizia fôsse ao túmulo de Dmítri e lá rezasse. Assim fizera e um milagre acontecera: fôra curado de sua cegueira!

Ao ouvir a história do monge, Bóris Godunov fica ainda mais agitado. Dá um grito e cai desmaiado. Ao voltar a si, pede que o deixem sòzinho com seu filho, Féodor. Bóris Godunov sabe que está morrendo.

Êle aconselha seu filho a ser sempre um bom e justo legislador. Põe suas mãos sôbre a cabeça do filho, abençoa-o e reza pedindo aos Céus que o protejam.

Bóris, agonizante, implora perdão pelo seu terrível crime. Ouvem-se as rezas que a multidão, do lado de fora, canta pela alma de seu Czar. Os sinos começam a dobrar.

Entra um grupo de sacerdotes e nobres. Bóris Godunov se levanta, gritando: "Alto! Ainda sou o Czar!". É o último lampejo da autoridade que o levou à agonia. Com uma súplica final de perdão, Bóris Godunov cai morto.

RICARDO, CORAÇÃO DE LEÃO
(Do Filme "Robin Hood," da R.K.O.)

www.guiaebal.com

Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!